

DISCURSO ENCERRAMENTO

Discurso pronunciado pelo Dr. Miguel Newton Arraes, Presidente do Movimento de Cultura Popular de Pernambuco, na sessão solene de encerramento do I Encontro Nacional de Alfabetização e Cultura Popular, realizado no Recife, no período de 15 a 21 de setembro de 1963.

Autoridades,

Companheiros do MEB,

Companheiros dos CPCs do Brasil etc.,

Companheiros evangélicos, católicos, socialistas e comunistas,

No momento em que se encerra o Primeiro Encontro Nacional de Alfabetização e Cultura Popular, em boa hora convocado pelo Ministério da Educação e Cultura Popular - a cuja frente se encontra o grande Ministro Paulo de Tarso, desejo, expressando o pensamento da Comissão Executiva Estadual, testemunhar aos companheiros delegados a nossa alegria de hospedá-los. Ao mesmo tempo, dizer-lhes que muito nos constrange o fato de lhes ter oferecido uma acolhida tão modesta. É que os anfitriões são pobres. Seria falso, até oferecer hospedagem luxuosa, num Estado onde as limitações são tantas, onde a pobreza é tanta, onde tantas pessoas comem mal e dormem pior. Mas, essa intelectualidade que veio ao Recife submeter-se aos vexames de uma hospedagem pobre, tem o espírito de saber compreendê-la e perdoá-la. Se nos constrange, por um lado, haver oferecido recepção singela, por outro, muito nos orgulha receber em nossa casa hóspedes tão compreensivos e tão generosos na sua capacidade de tolerar os vexames.

2. O Encontro, que hoje se encerra, foi marcado por um espírito de unidade ativa e crítica, que deve ser, sempre, preservado nas relações entre os vários movimentos de cultura popular. É imperioso, porém, que essa unidade, exercida nos debates desse Conclave, seja cada vez menos formal e cada

vez mais verdadeira, porque, antes de se comunicar com o povo, é necessário que os MCPs comuniquem-se entre si e procurem, juntos, buscar o caminho de sua afirmação na realidade brasileira.

3. É preciso que nenhum de nós se deixe guiar pela ambição de dar a última palavra. A última palavra quem dá é o povo, desde que despertado para isso, motivado para isso por uma mensagem que nos cumpre transmitir e repetir a cada hora, a cada instante desse tempo brasileiro.

4. O povo deve ser despertado - e despertado por nós - pra o fato de que não existe uma ordem estabelecida. Existe, sim, uma desordem institucionalizada, muitas vezes a serviço dos seus inimigos. É fundamental estabelecer a ordem legítima e esta deve se inspirar no povo. A verdadeira ordem é a que satisfaz necessidades, é a que corresponde às aspirações de bem-estar, é a que garante não apenas o acesso, mas o avanço das camadas humildes ao domínio do conhecimento. Conhecimento para nós não é uma dádiva, porém, uma conquista, e toda conquista é revolucionária.

5. Este sistema atual, este sistema que combatemos, inspira-se em bases anti-cristãs de perdas e lucros. Socializa prejuízos e individualiza os ganhos. É preciso socializar os lucros e individualizar as perdas para que apenas venham a perder os inconformados, os reacionários, os egoístas, os contra-revolucionários. Que lucro maior pode ser reconhecido ao povo, além do seu sustento material, se não a posse de sua cultura? É esse o objetivo que perseguimos. Foi, para isso, que nos reunimos aqui e vamos nos reunir sempre quando não em conchaves como este, pelo menos através da nossa presença efetiva e permanece no quadro da luta nacional popular. No Brasil de hoje, todos têm que estar reunidos, se não fisicamente, pelo menos através da comunhão de pensamento revolucionário.

6. Meus companheiros:

A mensagem do MCP de Pernambuco, talvez seja muito áspera e muito contundente, talvez reflita e projete demasiado, a realidade que o cerca; uma realidade cheia de miséria, de sofrimento, de latifúndios, onde os camponeses são assassinados pela vida que sofrem e pela morte que levam, cheia de injustiça e cheia de luta, dentro dessa realidade áspera, onde Miguel Arraes sob o fogo do inconformismo, frustra

privilégios e enfrenta, com o apoio das massas - com o nosso apoio - as terríveis e aguerridas hordas do anti-povo. Ninguém confunda, porém, a aspereza da nossa linguagem, a nossa contundência de expressão com o sectarismo, a estreiteza e a intolerância. O MCP de Pernambuco é, sobretudo, um órgão plural, aberto a todas as tendências, desde que a serviço de causas autênticas. Mas, não é um órgão a serviço de nenhuma tendência isolada. E cabe, aqui, registrar, com orgulho, que nenhum dos intérpretes das várias tendências que se somam e que se unem dentro de nosso meio tem lutado por uma afirmação isolada. Aqui exercitamos uma convivência democrática que é a própria substância da nossa luta geral.

7. O MCP de Pernambuco aprendeu muito neste Encontro e espera utilizar, na prática, as experiências adquiridas. O MCP sai desse Encontro mais convencido ainda de que Cultura Popular não surge apenas através de um processo de elaboração científica, mas através de um processo de captação do que existe. O povo é rico de sugestões plásticas. Sugestões que se configuram no folclore - na sua música e na sua dança, na sua literatura própria, enfim, no seu trabalho criador. O que nos cabe é filtrar tecnicamente esse processo de cultura, sistematizá-lo, descobrir a verdadeira e autêntica fisionomia do povo. Sem deformá-la. Nem mesmo pelo retoque. Nem mesmo pelo aprimoramento. Se aprendeu isso, no Encontro que hoje encerramos, o MCP continuará aprendendo ainda mais com o povo.

8. A comunicação dos MCPs com as massas populares deve ser no sentido de dar e receber. Não somos tutores intelectuais do povo. Recebemos o que ele nos oferece de autenticamente nacional e damos-lhe os ensinamentos técnicos que lhe tem sido negados por uma sociedade alienada e alienante, onde a cultura é quase sempre transmitida de cima para baixo, das elites sobre o povo, como um produto acabado, como um prato feito. Os MCPs, neste sentido, são subversivos porque pretendem que a cultura surja de baixo para cima, democratizando-se, tornando-se legitimamente brasileira.

9. O MCP de Pernambuco tem consciência de quanto é árdua esta luta, pelos interesses que se opõem a ela, pelas dificuldades materiais, mas sabe também que a história o favorece, que o processo de libertação econômica e auto-determinação cultural de nosso povo é irreversível, e que a realidade brasileira tende a mudar, inapelavelmente, revolucionariamente.

10. Parece-me que seja esta, também, a mensagem das demais frentes que lutam em Pernambuco pela cultura do seu povo. Cada uma, dentro da orientação filosófica que lhe é própria, porém todas dominadas pela firme decisão de mudar, de revolucionar, de restaurar os valores do povo e acrescentar a eles, sem o sentido de doação, aquilo que é seu por direito e por justiça; a dinâmica de sua cultura.

11. Companheiros:

Despedimo-nos aqui na certeza inabalável de que adiante nos reencontraremos. E essa perspectiva - repito - não é apenas a do reencontro físico. Haveremos de nos reencontrar todos, num plano que está cada vez mais próximo, para a construção da grande realidade nova da Pátria livre.